

Geada destrutiva

Lauro Rutkowski e Flávia Filipini
Da equipe do Correio

Geada era assunto de conversa antiga em Vargem Bonita. Não é mais. A onda de frio que atingiu o Centro-Oeste na madrugada de ontem foi suficiente para congelar o orvalho sobre as plantações de alface deste núcleo rural distante 15 quilômetros do Plano Piloto. A última geada na região aconteceu há 12 anos. "Destá vez foi a mesma coisa. Ficou tudo branco. Tudo congelado", contou José Alberto Baraldi, de 47 anos, que teve um prejuízo de alguns milhares de reais.

No plantio de dez mil metros quadrados, um hectare perdido, ele investiu cerca de R\$ 5 mil. No mercado, a alface americana estragada pela geada lhe renderia pelo menos R\$ 8 mil, o que daria um lucro de R\$ 3 mil. O prejuízo não é só de Baraldi. Pode chegar ao bolso do consumidor a partir de hoje, afinal estados que abastecem o Distrito Federal também estão sofrendo por causa do frio.

Entre esses está São Paulo, que se preparava para importar excedentes do DF. "Agora nem lá, nem cá", lamentou o presidente da associação dos produtores do Riacho Fundo, Heitor Kanegae, que perdeu oito hectares e amargou um prejuízo de R\$ 12 mil. A Vargem Bonita e o Riacho Fundo respondem por 55% da produção local de folhosas (alface, acelga, espinafre, agrião) e também exportam para as regiões Sudeste e Norte. Era o que estava ocorrendo, afinal havia excedente. Entre todas, a lavoura de alface foi a mais prejudicada.

O prejuízo ainda não está contabilizado pela Emater e depende da ocorrência de novas geadas. "É difícil arriscar uma previsão, porque cada produtor tinha alface em várias fases de desenvolvimento em sua propriedade", explicou a gerente do posto da Emater em Vargem Bonita, Débora Cruz. Ela estima que a temperatura em Vargem Bonita tenha ficado abaixo do 1,6 grau registrado na fazenda Água Limpa, da Universidade de Brasília (UnB).

Na sua avaliação, as perdas em Vargem Bonita e Riacho Fundo,

isoladamente, não provocariam aumentos de preços tão cedo, mas o cenário não é animador por causa de problemas em outros estados. Em São Paulo, alguns produtos subiram até 60%, porque lavouras foram perdidas com o frio. Mas, na avaliação de analistas do setor está havendo muita especulação. Para o pesquisador Nelson Martin, do Instituto de Economia Agrícola da Secretaria de Agricultura de São Paulo, a alta dos hortigranjeiros no mercado paulista não reflete a realidade. "Ainda não é possível medir o tamanho do estrago na produção de folháceas e verduras, mas tem gente tentando ganhar dinheiro com isso", avalia. Em Campinas, a especulação corre solta: houve aumentos de até 140% nos preços de algumas hortaliças. No Paraná, 150%.

A notícia da geada correu cedo na zona rural do DF. Por volta das 5h, os 67 produtores de Vargem Bonita e os 32 do Riacho Fundo

começaram a trocar telefonemas sobre o fenômeno e a compartilhar receitas para evitar o prejuízo. Alguns jogaram água sobre as lavouras. Outros queimaram pneus para degelar a água. Nada adiantou:

"TRADICIONALMENTE, O COMÉRCIO DO DF VENDE MENOS EM JULHO, MÊS DE FÉRIAS. O FRIO QUEBROU A TRADIÇÃO"

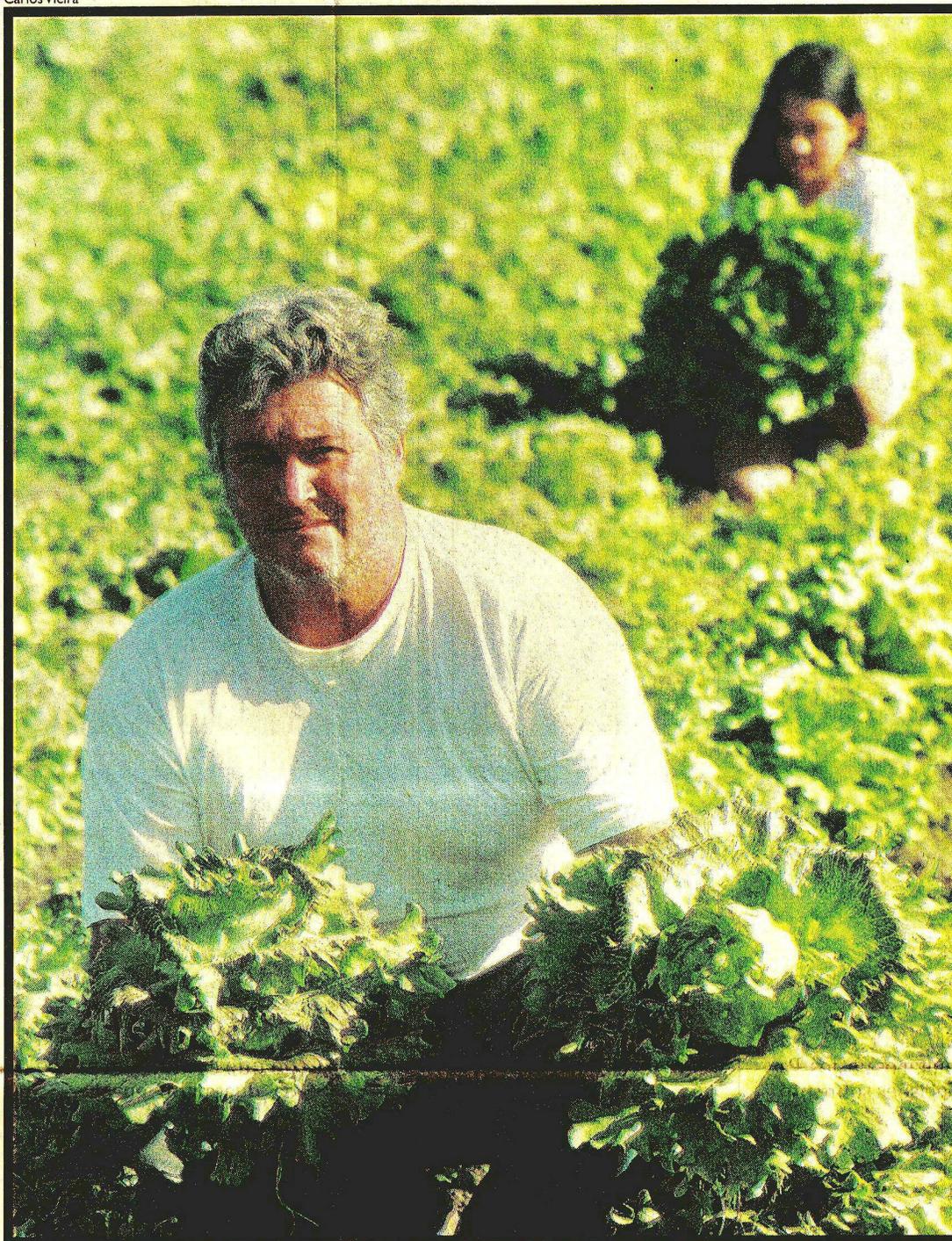
WLANIR SANTANA,
presidente do Sindivarejista

as plantas que estavam para ser colhidas nos próximos dias não são comercializáveis. As menores se salvaram, porque podem se regenerar até a colheita.

A tristeza dos agricultores contrasta com a alegria de vários lojistas do Distrito Federal. Para fugir do frio inesperado dos últimos dias, o consumidor foi às compras. Muitas lojas já estão com a coleção primavera-verão nas vitrines, mas o brasiliense comprou mesmo foi jaqueta, casaco, moletom, echarpe, pulôver e outros produtos da coleção outono-inverno que no mundo da moda estava se despedindo. O crescimento nas vendas foi de até 70% em alguns produtos na primeira quinzena deste mês, em relação aos quinze últimos dias de junho.

"Estamos vendendo mais roupas de inverno agora do que no meio ou no lançamento da estação", diz a gerente da Hering Store do Pátio Brasil, Rose Pinheiro. Ela constatou aumento de 40% na procura por roupas quentes nos últimos 15 dias. Empurra-

Carlos Vieira



JOSÉ ALBERTO, PRODUTOR NA VARGEM BONITA: CONTABILIZAÇÃO DE PREJUÍZOS

da por essas compras, a loja registrou aumento de 20% a 30% no faturamento, entre a primeira quinzena de julho e o mesmo período do mês passado.

Na Wrangler, só a compra da jaqueta jeans com gola de pelo teve um aumento de 70% nos últimos dias, em relação à última quinzena de junho. Na Barred's as roupas de lã são as mais procuradas e na loja de calçados Via Lorenzo, oito em cada pares de calçados vendidos ainda são botas, mesmo com a concorrência dos tamanhos da coleção primavera-verão.

Este movimento é estranho para julho, segundo o presidente do Sindicato do Comércio Vare-

jista (Sindivarejista), Wlanir Santana. Historicamente, julho é mais fraco no comércio por ser mês de férias. "Tradicionalmente, há expectativa para a nova coleção. O frio quebrou a tradição."

Para o consumidor, a queda de temperatura não poderia ter ocorrido em hora melhor. As lojas iniciaram, semana passada, as promoções de inverno. Quem deixou para comprar agora está pagando menos. O preço da jaqueta jeans com gola de pele da Wrangler, por exemplo, caiu de R\$ 137 para R\$ 107. Na Barred's, levando duas peças o consumidor ganha desconto de 50%.

Na Via Lorenzo, a redução nos

preços das botas foi de 50%. Nas lojas WS, quem compra uma peça tem 20% de desconto; duas, 30%, e acima de quatro, 50%. "Para mim, o frio não poderia ser mais oportuno. Voltei às compras com medo da temperatura baixa com a de segunda-feira à noite. Comprei tudo mais barato", destaca a funcionária pública Maria da Graça Marçal, que saiu do Conjunto Nacional na tarde de ontem com quatro sacolas cheias de agasalhos para o frio.

LEIA MAIS SOBRE ALIMENTOS NO GUIA, CAPA

